



Resumos

Prof. Dr. Degislando Nóbrega de Lima | PPGCR, UNICAP
Reeducar a esperança: a contribuição de Juan Luis Segundo

Resumo

Reflexão sobre a esperança à luz da teologia de Juan Luis Segundo, destacando sua proposta de uma epistemologia da esperança como integração crítica entre fé e ideologia. Em meio a contextos marcados por desesperança e fragmentação, Segundo propõe compreender a revelação como um processo contínuo de “aprender a aprender”, opondo-se ao religiosismo e ao cientificismo. Para ele, fé e ideologia são dimensões constitutivas do humano: a fé orienta os fins; a ideologia, os meios. Essa articulação se realiza por meio dos “dados transcendentais”, que pontuam o sentido da história. A presente abordagem defende que a educação da esperança é uma tarefa epistemológica e teológica essencial, e que a fé religiosa autêntica se enraíza na fé antropológica, valorizando a mediação histórica e comunitária. Reeducar a esperança, portanto, é reencontrar a força transformadora da fé em diálogo com a razão, a cultura e a história.

Palavras-chave: Juan Luis Segundo. Esperança. Fé. Ideologia. Epistemologia teológica.

Alberto Luiz Silva de Oliveira | Universidade Federal de Uberlândia
O problema da violência legitimada como práxis política na obra de Albert Camus

Resumo

O presente trabalho de comunicação tem como objetivo principal apontar a reflexão de Albert Camus sobre o fenômeno da violência legitimada na política contemporânea. Mediante a reflexão camusiana, percebe-se como o autor diferencia o fenômeno da violência, primeiro, como uma compreensão clássica ligada ao descontrole (hybris) dos afetos e, posteriormente, como um processo sofisticado de alienação ideológica, que tem por fundamento um processo racional, ou um modo de racionalização do mundo e das questões éticas. Justamente a partir dos textos políticos do autor, *O Homem Revoltado* (1951) e

O Tempo dos Assassinos (1947), buscaremos identificar as características dessa práxis contemporânea que legitima a violência do Estado por vias racionais. Para isso, será realizada uma leitura crítica dessas obras, com atenção especial à relação entre racionalidade, ética e legitimação da violência no contexto político contemporâneo. Pois, ainda que a violência seja uma marca indelével da história humana, há necessidade de compreender o que levou à legitimação de um modo de prática dessa violência em escala industrial e ideológica. Essa questão ética se apresenta com relevo, ao apontar para alguns elementos de natureza paradoxal na cultura do Ocidente em relação à sua tradição espiritual. Justamente mediante a apresentação desses elementos, reforça-se a atualidade do problema da violência legitimada, ou da violência do Estado contemporâneo, ultrapassa a percepção de que a violência estatal seria característica somente de modelos de Estado totalitário. A reflexão camusiana revela, ao contrário, que a violência legitimada é um modo próprio de poder e de silenciamento, também incorporado, e até mesmo naturalizado, pelas próprias democracias liberais. Por fim, objetiva-se apresentar, neste trabalho, a questão da violência e sua característica contemporânea e, a partir de uma pesquisa bibliográfica das obras já citadas, provocar a reflexão sobre essa questão ética, que sustenta, cotidianamente, seus elementos de urgência e preocupação.

Palavras-chave: Violência. Revolta. Crime. Totalitarismo. Contemporâneo.

Aldonez Pereira da Silva | UNICAP, mestrando em Filosofia
Reborns, o mito contemporâneo: o fenômeno dos bebês reborns – interseções com o Mito de Pigmalião e as categorias heideggerianas de Ser e Ente na Filosofia da Linguagem.

Resumo

Os fenômenos sociais convidam às reflexões filosóficas sobre a realidade contemporânea, provocam pesquisas sobre as possibilidades interpretativas, hermenêuticas e investigações sérias sobre quais teorias e categorias podem ser aplicadas na compreensão destes mesmos fenômenos, bem como, da verdade (existência e validade, p.e.) e do papel da linguagem neste processo. O fenômeno das bonecas hiper-realistas, ou bebês reborns, sugere a interseção entre a filosofia da linguagem, a estética e a psicologia. Partindo do mito de Pigmalião, que narra a criação de uma figura de marfim que se torna viva, e tomando emprestada as categorias heideggerianas de "Ser" e "Ente", esta comunicação pretende contribuir na apreensão deste fenômeno trazendo à baila algumas reflexões que denotam mudanças estruturais em todas as esferas da sociedade. Portanto, busca-se entender aqui, a maneira pela qual a linguagem influencia esta atribuição ao ser e a existência para tais objetos, bem como, de que forma a Filosofia da Linguagem pode contribuir nesta pesquisa por significação e entendimento destes fatos. Em vista disso, o mito de Pigmalião, a filosofia heideggeriana, as categorias de Ser e Ente, especialmente no que pode ser considerado como crítica à objetificação e a ênfase no "Ser-no-mundo", servem como premissas para análise dessa interdependência entre linguagem, percepção, visão de mundo e a transição entre o real e o irreal neste "novo" mundo hodierno em que as categorias, por vezes, não estão dando conta dos fenômenos e fundamentos que regem a relações contemporâneas.

Palavras-chave: Bebês reborn. Mito de Pigmalião. Heidegger. Ser e ente. Filosofia da Linguagem.

Alexsandra Doria dos Santos | UNICAP - Discente
Susanne Langer: Símbolo e Arte

Resumo

A pesquisa investiga a concepção de símbolo na filosofia de Susanne K. Langer, com o objetivo de estabelecer a relação entre as esferas do real e do possível a partir de sua teoria semiótica e estética. A proposta central de Langer destaca o símbolo como uma estrutura essencial do conhecimento humano, indo além da comunicação discursiva para revelar aspectos inefáveis da realidade. Sua distinção entre signo e símbolo demonstra que, enquanto o signo tem uma função referencial direta, o símbolo articula significados de forma mais complexa, permitindo novas formas de apreensão do mundo. Na arte, essa capacidade simbólica se manifesta de maneira privilegiada, ampliando os modos de expressão e percepção. Ao desafiar limitações epistemológicas, como as impostas pelo positivismo lógico, Langer contribui para uma compreensão ampliada da função dos símbolos na experiência humana. Sua teoria semiótica e estética abre espaço para uma visão mais abrangente da cognição, reafirmando a relevância da filosofia da arte e da semiótica na tradição filosófica contemporânea.

Palavras-chave: Símbolo. Semiótica. Estética. Arte. Linguagem.

Daniel da Costa Gaspar | UNICAP - Mestrando do PPGFIL
Confissão: o ato de fala como controle do sujeito da fé ao direito

Resumo

O presente trabalho investiga a Confissão como tecnologia e dispositivo linguístico de controle social, tendo foco em sua transição da esfera religiosa ao campo jurídico moderno. A partir das análises da construção das Confissões de Santo Agostinho, compreende-se que este instituto é moldado pelo fundador da escola patrística não apenas como um ato de enunciação, mas um movimento performativo que reconfigura a subjetividade do indivíduo, submetendo-o a uma estrutura de poder moral. Para Santo Agostinho, a confissão permite ao sujeito reconhecer-se como pecador, reorganizando sua interioridade para a busca da reintegração a Deus. Este modelo posteriormente é deslocado para a racionalidade jurídica e política, conforme trabalhará Michael Foucault, demonstrando que o discurso da confissão deixa de ser uma prática exclusivamente religiosa e passa a ser também instrumento de produção da verdade no campo social e penal. A teoria dos atos de fala desenvolvida por J.L. Austin e posteriormente aprimorada por J. Searle oferece a chave pragmática para compreender como a linguagem da confissão não apenas descreve, mas produz efeitos concretos na realidade. Assim a confissão é aqui analisada como

ato ilocucionário performativo que institui verdades jurídicas e morais no momento em que é proferida pelo sujeito. O trabalho também irá dialogar com outros autores para a compreensão desta evolução da tecnologia da linguagem como Manfredo de Oliveira Júnior e Wittgenstein da segunda fase, para quem o sentido da linguagem depende do uso dentro dos jogos de linguagem e as práticas sociais específicas. A pesquisa tem como estrutura metodológica a abordagem genealógico-discursiva, inspirada nos pressupostos de Foucault. Posto que por meio deste método é possível rastrear a formação histórica das práticas confessionais, desde sua origem religiosa até sua transposição ao Direito e a Política, analisando como os discursos de verdade, subjetivação e poder são construídos pela linguagem.

Palavras-chave: Atos de Fala. Confissão. Austin. Agostinho. Foucault.

Daniele Pacheco do Nascimento | Pós-doutorada no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ

As Paixões da Alma: fundamentos, conexões e impacto moral

Resumo

Tencionamos demonstrar a importância da substância extensa na relação com a substância pensante e, mais especificamente, na busca por uma vida bem orientada — não de maneira solipsista, mas inserida na relação com o mundo. Para Descartes, essa relação não ocorre apenas no nível do conhecimento puro, mas também no campo moral, no qual a extensão desempenha um papel fundamental. É nesse contexto que se dá a condução das paixões, advindas do corpo.

As paixões desempenham um papel tão útil que, como adverte Descartes, ao examiná-las, ele as considerou “(...) quase todas boas e tão úteis para esta vida, que a nossa alma não teria tido necessidade de permanecer unida ao seu corpo por um momento, se não as pudesse sentir” (In: AT IV, 538; CSMK, 300. Descartes. Carta a Chanut, 01 de novembro de 1646). Essa percepção evidencia que as paixões não devem ser simplesmente suprimidas, mas direcionadas pela razão, de modo que se tornem benéficas para o indivíduo e para o coletivo no qual se está inserido.

Considerando esse aspecto, a reflexão sobre as paixões não se limita a um exercício de controle racional voltado apenas ao indivíduo. Ao aprofundar-se na moral cartesiana, torna-se essencial destacar um conceito que, paradoxalmente, é também uma paixão: a generosidade. Essa paixão pode tornar-se virtude através do hábito e envolve uma disposição constante de não se limitar aos próprios desejos, levando em consideração a ordem do mundo, o que envolve as ações individuais no coletivo.

Dessa forma, buscamos compreender o conceito de generosidade de maneira mais ampla, mapeando-o nos escritos de Descartes para reconhecer seus desdobramentos enquanto paixão, virtude e remédio para todas as outras paixões. Além disso, é fundamental o aprofundamento sobre as paixões preponderantes, que formam a base das demais e são, a saber, a admiração, o amor, o ódio, o desejo, a alegria e a tristeza, o que também será abordado na pesquisa.

Palavras-chave: Descartes. Moral. Generosidade. Paixões. Epistemologia.

Dênes Francisco Gomes de Souza | Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP; estudante do curso de Filosofia (Bacharelado)
A natureza e a relação entre Retórica e Análise do Discurso

Resumo da comunicação (até 2.000 caracteres com espaço). Requer resposta.
Texto Multilinha.

Na sociedade contemporânea, o interesse persistente pela arte da persuasão é percebido em diversos âmbitos (político, religioso, jurídico, publicitário, dentre outros). Ao serem construídos, esses discursos carregam em si não só as intenções do orador, mas toda uma carga ideológica, fruto das estruturas de poder dominantes, da situação de comunicação e do contexto histórico e cultural dos sujeitos envolvidos (interlocutores). Segundo Aristóteles, a retórica consiste na busca de meios eficazes que favoreçam a persuasão, apropriados para cada caso, levando em consideração o conteúdo, auditório e a finalidade. A Análise do Discurso (AD) de linha francesa, por sua vez, que tem como expoentes Pêcheux, Althusser e Foucault, ao articular linguística, materialismo histórico e psicanálise, relaciona cultura e linguagem, concebendo o discurso como um meio pelo qual a ideologia se anuncia, influencia e se perpetua (a linguagem comporta a ideologia). O fato é que tanto a Retórica quanto a Análise do Discurso evidenciam a relação entre homem e seu contexto sociocultural, mediada pela linguagem, no processo de construção de sentido. A linguagem, nesse âmbito, não é vista como um instrumento meramente representativo (sistema formal de signos ou conjunto de regras), mas enquanto prática – a palavra em curso. Nesse sentido, diante dos recursos argumentativos dos quais se valem jornalistas, publicitários, políticos, juízes, líderes religiosos e filósofos, a AD oferece ferramentas importantes para a percepção de ideologias implícitas nos textos retóricos, contribuindo para o mapeamento de vozes e assimilação de significações produzidas nas entrelinhas dos discursos; discursos esses que não apenas sofrem influência da estrutura social, mas também determinam movimentos de mudança na sociedade.

Palavras-chave: Retórica. Análise do Discurso. Discurso. Linguagem. Sentido.

Diogo Villas Bôas Aguiar | Unicap / Professor
Salanskis e o projeto de uma ethanálise

Resumo

Apresenta-se aqui o programa filosófico de Jean-Michel Salanskis denominado ethanálise. A partir da fusão entre “ethos” e “análise”, esse projeto indica um método de investigação que tenta descrever como o sujeito é afetado por normas, valores, e obrigações, antes mesmo de qualquer escolha consciente ou posicionamento deliberado. Derivado do problema filosófico do sentido, central na discussão contemporânea seja de matriz analítica ou continental, Salanskis defende uma espécie de "realismo do sentido", onde não somos criadores, mas

receptores implicados de um mundo já carregado de apelos e direções. Aqui, sentido não é algo que atribuímos ao mundo, mas algo que nos acontece - um evento que nos ultrapassa e nos compromete. A análise centra-se em determinadas palavras, ou regiões do sentido, chamadas pelo filósofo de solicitantes, que expressam um apelo cuja tarefa ethanalítica é de explicitar sua semântica, ou seja, as prescrições que regem a resposta a esse apelo. Assim, por exemplo, temos as regiões da verdade, do amor, do corpo, da morte e da própria filosofia.

Palavras-chave: Ethanálise. Fenomenologia. Linguagem. Sentido. Solicitantes.

Eduardo Gomes dos Santos Júnior | UNICAP

Entre o Universal e o Singular: Reflexões sobre ética na obra *Temor e Tremor* de Soren Kierkegaard

Resumo

A presente comunicação visa discutir a problemática da ética na obra *Temor e Tremor*, de Søren Kierkegaard, a partir de uma abordagem filosófica não religiosa. Embora o texto seja tradicionalmente lido como uma meditação teológica sobre a fé, a análise aqui empreendida busca evidenciar seu valor filosófico-existencial, especialmente no que se refere à tensão entre o universal ético e a singularidade da existência subjetiva. Por meio da figura paradigmática de Abraão, que se dispõe a sacrificar seu filho, Kierkegaard, sob o pseudônimo Johannes de Silentio, questiona os limites da ética racional ao introduzir a ideia da "suspensão teleológica da moral", segundo a qual, em situações extremas, o sujeito pode agir fora do campo normativo sem que isso configure imoralidade. Nessa leitura secular, o ato de Abraão não é interpretado como obediência religiosa, mas como fidelidade a uma exigência interior absoluta, que escapa à justificativa racional ou coletiva. Trata-se, assim, de um exemplo de ética da responsabilidade radical, em que o sujeito age sem garantias, movido por um compromisso existencial que o isola e o obriga a responder por inteiro por sua decisão. Em vez de destruir a ética, Kierkegaard a leva ao seu limite: ao ponto em que ela se torna decisão, risco e silêncio. A ética, então, não é mais um conjunto de regras, mas o campo de luta entre a norma e a liberdade singular. Este trabalho propõe, portanto, uma leitura de *Temor e Tremor* como uma reflexão sobre a ética do indivíduo diante do paradoxo da existência, com importantes implicações para o pensamento contemporâneo sobre responsabilidade, autonomia e subjetividade.

Palavras-chave separadas por ponto. Requer resposta. Texto de linha única. Ética. Subjetividade. Autonomia. Responsabilidade. Paradoxo.

Esther Rayanne da Silva Souza | Universidade Católica de Pernambuco - Mestranda em Filosofia

“Ela é virtuosa porque se cala”: a performance da feminilidade bíblica como linguagem de submissão moral

Resumo

A presente pesquisa investiga como a feminilidade bíblica é performada em contextos evangélicos brasileiros contemporâneos como uma linguagem moral disciplinadora, naturalizando a submissão sob o vocabulário da virtude. Em vez de compreender tais práticas como mera "obediência religiosa", propõe-se que a performance da feminilidade funciona como uma tecnologia política de subjetivação, uma vez que sua repetição cotidiana em discursos e gestos converte normas patriarcais em formas desejáveis de vida cristã.

A análise toma como ponto de partida passagens bíblicas amplamente difundidas nas redes sociais e espaços eclesiais (como Provérbios 31 e 1 Pedro 3) para examinar como o arquétipo da "mulher virtuosa" é encenado por meio da contenção corporal, do apagamento da raiva e da estetização da servidão conjugal. Linguagem e corpo afeto passam a operar juntos na construção de uma ética do silêncio, onde a moralidade feminina se manifesta menos pelo conteúdo do que se diz do que pela forma como se cala, se curva e sorri gentilmente. Como afirma Judith Butler, "a prática reiterativa de normas, por mais opressiva que pareça, é também o terreno da sua subversão" e é exatamente nesse intervalo entre reprodução e fissura que proponho minha análise. Ao explorar os entrelaçamentos entre discurso religioso, prática corporal e ideal ético, procuro articular o campo da ética e da linguagem como lugar privilegiado de investigação: é a partir dos discursos proferidos no púlpito que o sagrado se traduz em norma, e a fé se converte em conduta regulada.

Palavras-chave: Feminilidade. Linguagem moral. Ética religiosa. Submissão. Performance de gênero.

Fúlvio Anderson Pereira Leite | UNICAP

Philip Pettit e a filosofia da ação: uma análise da liberdade como controle discursivo

Resumo

O presente texto irá explicitar a proposta de filosofia da ação de Philip Pettit, para quem a noção de responsabilidade chama nossa atenção para as relações dos agentes. A escolha de Philip Pettit se deve ao direcionamento de sua discussão para uma direção interpessoal, e uma abordagem de Pettit aqui se inspira numa perspectiva funcionalista em filosofia da mente. Philip Pettit em sua obra Teoria da Liberdade discute três concepções particulares de liberdade como responsabilidade, as quais ele denomina de (i) liberdade como controle racional, (ii) liberdade como controle volitivo e (iii) liberdade como controle discursivo. Um agente exerce controle racional sempre que suas ações estão apropriadamente relacionadas às suas crenças e desejos, sejam quais forem essas crenças e desejos. Um agente exerce controle volitivo quando suas ações se alinham com seus desejos de segunda ordem, com o que ela deseja desejar. Considere um viciado cujo desejo mais forte é por uma dose, mas que não quer desejar a droga. Se ela usar a droga, esse agente exerce controle racional, mas não controle volitivo.

Philip Pettit argumenta que as duas primeiras concepções são muito rudimentares. Ambas falham em explicar o impacto na liberdade de um agente do comportamento dos outros. Sob cada uma das duas primeiras teorias, a

coerção hostil não seria uma ofensa à liberdade de uma pessoa. 'Seu dinheiro ou sua vida!' não afeta meu controle racional e volitivo, mas claramente reduz minha liberdade. Philip Pettit então se volta para a terceira opção, a qual nós elegemos para reconstrução e reflexão conjunta. A teoria da liberdade como controle discursivo defende que “uma pessoa é livre na medida em que desfruta do poder discursivo em suas relações com outras pessoas”. Por lidar diretamente com relações interpessoais, essa concepção de liberdade pode evitar uma série de objeções, como por exemplo, a objeção anterior. A coerção hostil é prejudicial ao discurso, pois inevitavelmente transforma a relação entre as partes de uma forma que restringe o alcance das interações discursivas entre elas. Em geral, qualquer coisa que impeça as pessoas de participarem de um discurso aberto como iguais compromete sua liberdade, pois limita sua responsabilidade por suas ações.

Philip Pettit argumenta que embora o controle racional e volitivo desempenhe um papel crucial, são insuficientes para uma compreensão completa da liberdade, sustentando que o controle discursivo é essencial para uma caracterização mais precisa deste conceito.

Para o desenvolvimento do conceito de liberdade como controle discursivo dividiremos nosso texto em 05 micro momentos internos, que os denominaremos de:

- 1.1 Da pessoa livre a outras liberdades;
- 1.2 A coerção amigável é consistente com o controle discursivo;
- 1.3 A pessoa e o self;
- 1.4 O Self livre e
- 1.5 O problema recursivo.

A ideia é ir desenvolvendo o conceito e à medida que se o explicita, confrontá-lo com possíveis óbices a sua efetivação.

Palavras-chave: Pettit. Coerção amigável. Pessoa e self. Self livre. Problema recursivo.

José Welbet Barbosa Gomes | Unicap - bacharelado em Filosofia
Literatura: um "espaço potencial" para a relação interpessoal segundo Nussbaum

Resumo

Este trabalho propõe discutir como, segundo Martha Nussbaum, a literatura contribui para as relações interpessoais ao configurar um espaço essencial para o exercício da imaginação narrada. A partir da análise das obras *Sem Fins Lucrativos* e *Justiça Poética*, busca-se evidenciar que, para a autora, as produções literárias não se limitam a funções educativas ou de entretenimento, mas constituem experiências significativas para a formação ética e emocional do ser humano. Nesse contexto, a imaginação narrada emerge como uma ferramenta fundamental para reconhecer e compreender o outro como um ser integral, ampliando a sensibilidade e a capacidade empática por meio da vivência simbólica de diferentes formas de vida ficcional.

Palavras-chave: Relações. Experiência. Juiz judicioso. Outro. Espaço potencial.

João Victor Barbosa da Silva | Graduando em Licenciatura plena em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco
A identidade na contradição: análise da dialética do senhor e do escravo na *Fenomenologia do Espírito* de Hegel

Resumo

Considerando a proposta filosófica hegeliana de desenvolver um sistema que compreenda a totalidade da realidade por meio da razão, destaca-se, na *Fenomenologia do Espírito*, especialmente no capítulo IV, a conhecida passagem da dialética do senhor e do escravo, como momento decisivo para a constituição da consciência-de-si. Nesse contexto, Hegel apresenta a consciência não mais como algo simplesmente dado, mas como resultado de um processo dinâmico de mediações, no qual a autocompreensão depende da alteridade. A consciência-de-si, portanto, não surge de modo imediato, mas através de um movimento dialético entre o em-si (*Ansich*) e o para-si (*Fürsich*), marcado por um confronto entre duas consciências que buscam, mutuamente, o reconhecimento. Essa luta simbólica, descrita como uma luta de vida ou morte, revela a tensão estrutural entre independência e dependência, cuja superação exige a transformação da relação de oposição em um processo de mediação recíproca. Nesse embate, surge uma aparente assimetria entre o senhor, que conquista a posição de independência, e o escravo, que se vê submetido; entretanto, a análise mais atenta da lógica dialética revela que a identidade fundamental entre ambos reside no fato de serem igualmente consciências em busca de si. Assim, embora o senhor pareça triunfar, é o escravo que, por meio do trabalho e da experiência da negatividade, efetivamente transforma o mundo e a si mesmo, alcançando uma consciência mais concreta da realidade. Partindo desse panorama, esta pesquisa visa explicitar que, a despeito da contradição inicial, há um ponto de identidade ontológica entre as consciências envolvidas: ambas compartilham a estrutura fundamental da consciência-de-si e só podem efetivar-se nesse processo de reconhecimento mútuo. Desse modo, conclui-se que a superação da oposição entre o em-si e o para-si na dialética do senhor e do escravo depende justamente da afirmação dessa identidade comum, que funda e possibilita o movimento do espírito rumo à liberdade.

Palavras-chave: Consciência-de-si. Reconhecimento. Dialética. Trabalho. Identidade Ontológica.

Kaio Eudes da Silva Freitas | Universidade Católica de Pernambuco -
Graduação
A Teoria Moral e a Concepção do Sentido Existencial em Santo Agostinho e Friedrich Nietzsche

Resumo

Este texto explora a tensão entre as visões filosóficas de Santo Agostinho e Friedrich Nietzsche sobre moralidade, liberdade e o sentido da existência. Para Agostinho, a moralidade humana está intimamente ligada à dependência da graça divina, e a salvação só se torna possível por meio da conformidade com a vontade de Deus. Em sua teologia, o sentido da vida e a verdade são

determinados por uma ordem transcendente, sendo a esperança na redenção divina o princípio central da existência humana (Agostinho, 397). Assim, a moralidade agostiniana é fundada na fé, com a busca de Deus como objetivo último da vida.

Contrariamente, Nietzsche propõe uma ruptura com a ordem moral tradicional, afirmando que "Deus está morto" como uma metáfora para o colapso da moralidade transcendental e do sentido absoluto da vida (Nietzsche, 1882). Para Nietzsche, a "vontade de potência" é a força fundamental da existência humana, que se afirma através da criação de novos valores e da superação de limitações impostas pela moralidade religiosa e social (Nietzsche, 1883). Nesse sentido, ele propõe uma moralidade baseada na autossuperação, onde a liberdade humana é expressa pela capacidade de criar seu próprio sentido de vida.

O confronto entre Agostinho e Nietzsche revela um abismo entre uma visão teológica e uma filosofia que propõe a criação de sentido diante da ausência de um fundamento transcendente. A "morte de Deus" em Nietzsche oferece uma oportunidade para redefinir a ética e a liberdade, enquanto a filosofia de Agostinho continua a sustentar a possibilidade de um sentido último e transcendente. Essa comunicação investiga como essas duas abordagens podem dialogar, contribuindo para o entendimento das questões filosóficas contemporâneas sobre moralidade, fé e o sentido da existência.

Palavras-chave: Agostinho. Nietzsche. Moralidade. Vontade de Potência. Transcendência.

Lidyane Carla Luz dos Santos | UFPE

Hannah Arendt: um estudo sobre a responsabilidade coletiva

Resumo

Esse projeto tem como objetivo ponderar sobre a concepção de responsabilidade em Hannah Arendt, partindo de sua análise sobre o movimento totalitário nazista da Alemanha do século XX. Em 1961 a pensadora foi a Jerusalém para acompanhar o julgamento de Otto Adolf Eichmann, ex-tenente-coronel da SS durante a Segunda Guerra Mundial. Ele era encarregado de organizar o transporte dos judeus aos campos de concentração e extermínio. Após o julgamento, Arendt lança uma série de artigos e consecutivamente o livro, *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. A obra foi bastante controversa para a época principalmente por conceitualizar uma nova visão do mal, o mal banal no qual é despido de monstruosidade e pode ser executado por qualquer pessoa que se abstém de pensar reflexivamente e pensar do ponto de vista de outra pessoa. Posteriormente, a autora lança alguns textos para refletir sobre o problema da responsabilidade no ser humano, como *Responsabilidade e julgamento* e *Sobre a revolução*. Para tal, Arendt teve como principal influência, Karl Jaspers e seu livro *A questão da culpa: a Alemanha e o nazismo*. Essa obra destaca quatro tipos de culpa: criminal, política, moral e metafísica. Porquanto, seguindo seu mestre Arendt evidencia que a culpa nunca é coletiva, mas individual e cada sujeito deve assumir as consequências de suas ações. Enquanto, a responsabilidade para a filósofa é política em função de que, o indivíduo está inserido em uma comunidade desde o nascimento e isto o faz

responsável por ela. Desta feita, a responsabilidade associa-se a todos os seres humanos, pois devem zelar pela Terra para as gerações que virão. Assim sendo, com esta comunicação busca-se salientar a noção de responsabilidade em Arendt, além de acentuar a importância do pensamento arendtiano para a construção filosófica política.

Palavras-chave: Arendt. Mal Banal. Culpa. Responsabilidade.

Lucas Dantas Gueiros | Mestre em filosofia pela UFPE
Defesa de um fim último perfeito puramente natural para o homem

Resumo

O fim último do homem aparece, em diversas obras da tradição aristotélico-tomista, como um importante elemento da ética filosófica e teológica. Santo Tomás ensina que, no atual estado da natureza humana, o homem foi destinado livremente por Deus a um fim último perfeito e sobrenatural que é a visão beatífica de Deus após a morte. Podemos considerar qual seria o fim último do homem caso Deus não o tivesse elevado à ordem sobrenatural. Nesse estado, chamado de natureza pura, nunca chegaríamos à visão beatífica. Entretanto, vemos em muitas passagens Santo Tomás afirmar que apenas a visão beatífica é capaz de satisfazer plenamente o desejo natural do homem (eg. ScG. I. III c. L). Nosso problema, portanto, encontra-se em explicar como seria possível que o homem tivesse um desejo natural impossível de satisfazer sem que sua natureza se tornasse incompleta ou desprovida de sentido. Na tentativa de conciliar essas ideias, Long procura defender que o fim último do homem lhe daria uma verdadeira felicidade, satisfazendo as inclinações de sua natureza, embora não possa ser considerada uma felicidade perfeita, pois seria limitada pelas condições da vida presente (Long, Steven. On the possibility of a purely natural end for man. *The Tomist* 64, 2000, p. 211-237). Aqui, queremos demonstrar que, no estado de natureza pura, haveria, além disso, uma felicidade perfeita para o homem, mas após a morte, na contemplação de Deus através de espécies inteligíveis. Isso porque o estado da alma separada após a morte é conatural ao homem, e o seu conhecimento de Deus através de espécies inteligíveis faz parte da ordem puramente natural, sendo, ainda, perfeitamente capaz de satisfazer as inclinações da sua natureza. Esperamos que essa defesa mostre a profundidade do pensamento propriamente filosófico da escola tomista e ajude no diálogo com correntes de pensamento ético que negam a elevação do homem à ordem sobrenatural, permitindo uma discussão no âmbito exclusivamente natural.

Palavras-chave: Tomismo. Felicidade. Natureza humana. Imortalidade. Sobrenatural.

Luís Vicente Monteiro Passos | UNICAP, Mestrando - PPGFIL e bolsista CAPES
Linguagem e Estética no *Tractatus* e nas *Investigações* de Wittgenstein

Resumo

Wittgenstein abandona a gramática lógica ideal do *Tractatus* e propõe nos *Investigações Filosóficas* uma análise do significado como uso, inaugurando o conceito de “jogo de linguagem” (Wittgenstein, 2009, § 43). Ele desloca a estética do estatuto de inefável para o domínio das práticas cotidianas e examina como o juízo de gosto, ao afirmar “isto é belo”, se constrói em contextos concretos, tais como vernissages, críticas especializadas e interações em redes de convivência, mediante regras tácitas de silêncio, aplausos, metáforas e estilos retóricos (Wittgenstein, 2009, §§ 23; 65; 199). O autor demonstra que o valor estético não habita essências transcendentais, mas emerge de convenções compartilhadas e de formas de vida, pois cada “jogo” pressupõe cenários normativos que condicionam comportamentos de contemplação e celebração. Essa abordagem etnográfica da linguagem converte o “belo” em objeto empírico, mapeando procedimentos discursivos e não discursivos que constituem a gramática social do gosto. Wittgenstein investiga a diversidade de semelhanças de família entre práticas estéticas, revela a importância dos gestos de intersubjetividade e evidencia como o reconhecimento de regras tácitas legitima o estatuto linguístico do juízo de valor. O filósofo propõe uma filosofia terapêutica que liberta a estética de pressupostos metafísicos e enfatiza a função pedagógica das formas de uso na consolidação do sentido. Esse método analítico, ao integrar linguagem, sentido e ação em um único paradigma, oferece um modelo inovador para a filosofia da arte, capaz de articular rigor descritivo e sensibilidade histórica em estudos avançados de estética contemporânea.

Palavras-chave: Linguagem. Sentido. Ação. Estética. Wittgenstein.

Marcone Felipe Bezerra de Lima | Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), Doutorando

A Ordo Amoris: uma relação entre ética, lei e justiça em Santo Agostinho

Resumo

A ética agostiniana enfatiza a importância de desenvolver virtudes como a temperança, a justiça, a sabedoria e a fortaleza, que são necessárias para alcançar a felicidade e a vida virtuosa. Assim, Agostinho defende a importância da justiça como um elemento fundamental para a vida em sociedade e para a construção de um mundo mais justo e pacífico, pois, influenciado por Platão, considera a justiça como dar a cada um, de forma sábia e harmônica, o que lhe compete. E, para tanto, sob a perspectiva cristã, destaca a presença e a ação de Deus na ordem das ações. A verdadeira justiça, para Santo Agostinho, é a justiça divina, que é imutável, eterna e perfeita, considerando que o caminho para a justiça é a busca pela união com Deus, através da fé e da perseverança nas boas obras. Dessa forma, a justiça é vista em relação à lei, tanto à Lei divina como à lei humana. Agostinho defende que as leis do Estado devem ser obedecidas por serem um reflexo das leis divinas, e a justiça humana deve buscar se aproximar da justiça absoluta, que reside em Deus. Ele reconhece o livre-arbítrio como um elemento fundamental para a realização da justiça, mas também destaca a importância da Graça divina para que os seres humanos possam alcançar essa virtude, pois a justiça está ligada à busca pelo bem, que é a realização da

felicidade e da plenitude, e à rejeição do mal, que é a desordem e a desarmonia. Em decorrência disso, objetiva-se demonstrar como Santo Agostinho desenvolve sua estrutura ética a partir dos conceitos de justiça e amor, especificamente com a ideia de *ordo amoris*, que compreende a justa medida que devemos amar as coisas deste mundo.

Palavras-chave: Ética. *Ordo amoris*. Justiça. Leis divinas e humanas. Santo Agostinho.

Marcos Antonio de Arruda Moura | Unicap, Mestrando PPGFIL
Adiaforização e Redes Sociais: Como se Conectam?

Resumo

A adiaforização tem consequências profundas nas relações sociais, especialmente nas sociedades "líquidas", marcadas pela fragilidade dos vínculos, como argumenta Bauman. De forma muito pontual, a adiaforização é o processo social e moral que torna certas ações e pessoas moralmente invisíveis, permitindo que indivíduos e instituições atuem sem empatia, culpa ou responsabilidade. Nesse âmbito entramos no espaço das redes sociais, que como se diz "são uma terra sem lei". Portanto, relacionar adiaforização com as redes sociais é essencial para entender como a moralidade é diluída ou deslocada nos ambientes digitais hodiernamente. Zygmunt Bauman, embora tenha morrido em 2017, refletiu sobre isso em seus últimos livros, como *Vigilância Líquida e Vida para Consumo*. Longe de esgotar a amplitude do tema, nos propomos refletir brevemente sobre o mesmo.

Palavras-chave: Adiaforização. Relações. Bauman. Moral. Redes Sociais.

Paulo Gomes da Cunha Neto | Bacharel em Filosofia pela UNICAP e bacharelado em Teologia pela UNICAP
Conhecimento e linguagem: uma análise crítica das implicações nietzschianas para a ciência e a lógica

Resumo

O trabalho procura investigar a concepção nietzschiana sobre conhecimento e linguagem e retratar nela uma análise crítica das implicações do autor para a ciência e a lógica, tendo sempre um viés epistemológico presente no horizonte. Sua finalidade é destacar como Nietzsche se utiliza dessa análise para argumentar sobre a impossibilidade de existência da verdade absoluta creditada como resultado da ciência, expressada pela linguagem e comprovada pela lógica. Para tanto, investigamos a concepção do conhecimento e da verdade como Linguagem, a Ciência, a Lógica, ligando esses temas à produção do conhecimento e destacando a presença importante da aceitação das perspectivas que os caracterizam como pragmáticos. Houve um estudo minucioso da obra *Sobre Verdade e Mentira*, entre outras obras do autor que remetem ao tema,

para explicar a visão de Nietzsche sobre o conhecimento e sua relação com as três esferas, a saber: linguagem, ciência e lógica.

Palavras-chave: Conhecimento. Linguagem. Ciência. Lógica. Verdade.

Rafael Freire da Silva | UNICAP - Estudante de mestrado
Autorretrato Feminino Sob a Perspectiva da Estética Filosófica

Resumo

O objetivo deste trabalho é investigar alguns aspectos estéticos de autorretratos femininos apresentados no período do Modernismo. O tema da pesquisa é o autorretrato feminino sob a perspectiva de elementos de estética dos filósofos Luc Ferry e Nietzsche. O problema a ser investigado consiste em analisar se os autorretratos femininos atendiam às expectativas das mulheres em conquistar mais liberdade e de terem maior participação social e política. Considerando a exclusão das mulheres do cânone da história da arte, procuramos entender filosoficamente as intenções e repercussões dos autorretratos femininos realizados principalmente durante o modernismo - época em que houve uma maior emergência de pintoras reconhecidas no mundo da arte. Para entender um pouco a arte do autorretrato feminino utilizamos a obra intitulada "Seeing Ourselves" da historiadora da arte Frances Borzello e o livro "Mulheres Modernistas" da socióloga Ana Paula Simioni. Na parte da estética filosófica utilizamos o livro "Estética" da filósofa Martha Solange Perrusi e o livro "Homo Aestheticus" de Luc Ferry. Entendemos as peculiaridades do autorretrato, que necessita de uma ligação entre a visão que o artista coloca sobre si e as expectativas que a sociedade põe diante das artistas. Pela historiografia fizemos um recorte de autorretratos femininos trazidos por Frances Borzello porque no Modernismo foi onde houve maior efusão desse tipo de obra de arte e que coincidiam com o momento de conquista de maior participação política e social das mulheres no ocidente. Além disso, fizemos uma análise filosófica dos autorretratos escolhidos a partir dos conceitos apontados por Luc Ferry dentro do período do Modernismo, tendo como filósofo incontornável do período: Nietzsche. Dessa forma, pela historiografia e pela análise filosófica utilizada podemos concluir que os autorretratos estão de acordo com o progresso da história feminista e com a mulher como marcador de modernidade.

Palavras-chave: Autorretrato feminino. Estética. Modernismo. Filosofia. Luc Ferry.

Renato Lucas dos Santos Oliveira | Licenciado pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)
A Ética do Ser-em-situação em Jean-Paul Sartre

Resumo

O presente texto analisa a ética existencialista de Jean-Paul Sartre a partir do conceito de ser-em-situação. Para o filósofo francês, não há fundamentos

transcendentes da moral: a existência precede a essência, e o ser humano é radicalmente livre para construir sua própria identidade e valores. Essa liberdade, porém, não se exerce no vazio, mas em meio a condições concretas: históricas, sociais, culturais e materiais. Que formam a situação do sujeito. Sartre reformula, nesse sentido, o conceito heideggeriano de ser-no-mundo como ser-em-situação, ressaltando que a facticidade não determina, mas condiciona a ação. A ética emerge, então, na tensão entre liberdade e condição. A autenticidade constitui o ideal ético sartreano: viver de forma consciente e responsável, assumindo plenamente a liberdade e a situação, sem cair na má-fé (forma de autoengano em que o sujeito renuncia à própria liberdade ao identificar-se com papéis sociais fixos ou essências fictícias). Para Sartre, toda escolha é criação de valor e projeção de um modelo de humanidade. A liberdade, nesse contexto, torna-se fonte de valor e base para uma ética situada, engajada e transformadora.

Palavras-chave: Ética. Existencialismo. Ser-em-situação. Liberdade. Má-fé.

Tales Macêdo da Silva | Doutorando pela Universidade Federal do Ceará e pela FernUniversität in Hagen/ Professor do curso de Filosofia da Universidade Católica de Pernambuco

Sintonia na diferença: a arquitetura dialética de Hegel e Kierkegaard

Resumo

A relação entre Hegel e Kierkegaard, tradicionalmente lida sob o signo da oposição revela, quando examinada com maior rigor metodológico, uma afinidade estrutural surpreendente. Por trás das divergências explícitas quanto à verdade, à existência e ao papel da subjetividade, emergem pontos de contato em seus modos de fazer filosofia. Hegel elabora um sistema dialético em que a subjetividade figura como etapa no processo de realização do Espírito absoluto, enquanto Kierkegaard defende a singularidade do indivíduo existente, irreduzível a qualquer síntese ou totalidade. Essa tensão, longe de anular qualquer possibilidade de convergência, permite reconhecer uma sintonia na própria diferença: ambos pensadores operam com uma lógica dialética como forma de estruturar a realidade e o pensamento. A estrutura triádica é um exemplo notável dessa afinidade. Em Hegel, ela se manifesta no movimento da *Aufhebung* — superações sucessivas que integram e transcendem os momentos anteriores. Em Kierkegaard, reaparece na progressão existencial dos estádios da vida e nas formas do desespero, que se desenvolvem por negações internas até a possibilidade do salto qualitativo. Ainda que inseridas em projetos filosóficos distintos — um sistemático e racional, o outro existencial e subjetivo —, essas estruturas indicam um solo metodológico comum: a dialética como dinâmica imanente da realidade e da existência. Conceitos como espírito, negatividade, mediação e salto adquirem sentidos diversos, mas partem de uma gramática compartilhada. Kierkegaard, ainda que crítico do sistema hegeliano, reconfigura elementos de sua lógica para construir uma filosofia da interioridade e da decisão existencial. Assim, o método filosófico — e não apenas os conteúdos temáticos — pode ser identificado como um ponto de convergência profunda entre os dois autores. Em vez de antagonismo puro, o que se revela é uma

arquitetura dialética comum, na qual a diferença se articula como modalidade própria de sintonia.

Palavras-chave: Dialética. Subjetividade. Aufhebung. Existência. Método Filosófico

Thiago Andrade de Oliveira | Doutorando em filosofia no PPGFIL/UFPE
O Anti-excepcionalismo Humano: Aspectos Semânticos, Sintáticos e Inferenciais na Comunicação Animal

Resumo

Esta apresentação tem como objetivo defender a tese de que a linguagem humana não é um fenômeno emergente do cérebro humano nem independente do corpo físico e do ambiente. Não obstante, a linguagem humana pode ser descrita enquanto um fenômeno natural que, durante um longo processo evolutivo, assumiu diferentes características, a saber, proposicional, inferencial, comunicativa e gestual. A linguagem foi tomada como um marcador de distinção entre os seres humanos e os animais não-humanos, pois, de acordo com a perspectiva excepcionalista, apenas os seres humanos seriam capazes de comunicar-se com semântica/sintaxe, proposições e inferências (Tomasello, 2014, 2017, 2020; Berwick & Chomsky, 2017).

Contudo, as pesquisas recentes em comunicação animal têm demonstrado que os animais não-humanos se comunicam complexamente, transferindo e recebendo informações contendo sinais referenciais, semânticos, sintáticos, intencionais, inferenciais e gestuais (Shettleworth, 2010; Townsend & Manser; Scarantino & Clay, 2013; Suzuki et al, 2018; Seyfarth & Cheney, 2018; Andrews, 2020; Millikan, 2013; Palazzolo, 2024).

Por exemplo, os grandes Símios (Apes) utilizam gestos e vocalizações para comunicar intenções; os macacos-vervet recorrem a diferentes chamados de alerta para comunicar a presença diferentes predadores (Leopardo, cobras e águias diurnas); as abelhas usam as suas danças para comunicar informações dos alimentos; os elefantes utilizam sons específicos para chamar uns aos outros; os pássaros Chapim-japoneses utilizam sinais sintáticos composicionais para chamados de alerta, reunir o grupo e atacar predadores estacionários. Esta apresentação está dividida em três momentos. Na primeira parte, apresento a perspectiva Excepcionalista tanto do Michael Tomasello quanto do Noam Chomsky sobre a linguagem. A linguagem, para Chomsky, emerge do Cérebro humano, já para Tomasello, das Práticas Humanas. Entretanto, ambos concordam que um sistema comunicacional necessita de sintaxe para ser considerado linguagem. Assim, a Linguagem seria uma característica apenas humana.

Na segunda parte, apresento o tema da comunicação animal a partir dos casos empíricos, bem como das abordagens tradicionais sobre os sinais referenciais em animais não-humanos.

No terceiro momento, introduzo a noção de Anti-excepcionalismo Humano para defender duas hipóteses: a) os sinais animais podem ser compreendidos como inferenciais; b) que há uma continuidade entre vida e linguagem, uma vez que os animais não-humanos também enunciam através de gestos, vocalizações e

sinais (intencionais e inferenciais); c) e que os sistemas comunicacionais de alguns animais não-humanos também são sintáticos.

Palavras-chave: Anti-excepcionalismo. Linguagem. Sintaxe. Inferenciais. Comunicação Animal.

Yekini Timothy Fortes Pereira | Unicap - PPGFIL

A Cultura como Arma de Luta: Ensaio Ético-Filosófica a partir de Amílcar Cabral

Resumo

Este ensaio propõe compreender a cultura como arma de luta, dentro de um saber ético-filosófico, aludindo uma reflexão filosófica sobre a cultura enquanto processo de libertação nacional, sobretudo na luta de independência de Cabo Verde e Guiné-Bissau. Instigando uma consideração filosófica sobre a cultura enquanto dimensão fundamental dos processos de libertação nacional, sobretudo nos contextos marcados pela colonização, em especial nos países supramencionados. Objetivando compreender como a cultura pode ser compreendida como arma de luta ética-filosófica no processo de libertação nacional? A cultura é um elemento de resistência ao domínio estrangeiro, porque manifesta no plano ideológico, a realidade material e histórica do povo dominado. Enquanto que o imperialismo, nega o processo histórico do povo em questão, destruindo a cultura local, pois esta que alimenta a identidade e a capacidade de resistência do povo (Cabral, 1984, pág. 7-9). Investigar, a partir de um percurso etimológico e filosófico da cultura, onde o significado originário relacionando com “lavoura”, “cultivo”, ou seja, atividade ligada ao desenvolvimento natural (Eagleton, 2003, pág. 11). Nesta perspectiva “a liberdade nacional é, necessariamente, um acto de cultura” (Cabral, 1984, pág. 7-9), revelando numa práxis ética e político que valoriza os saberes e símbolos culturais de independência nacionalista, reconstruindo um novo espírito nacionalista e um novo horizontes para a independência nacional.

Palavras-chave: Filosofia Cultural; Cultura; Libertação Nacional; Amílcar Cabral; Descolonização.